

Entrevista a Sara Antónia Matos [Directora do Atelier-Museu Júlio Pomar]

Entrevista por José Marmeleira, Março de 2020

para o artigo “A TENTAR IMAGINAR O FUTURO: Hibernação, paragem, suspensão, annus horribilis, interrupção, espera, substituição.” da revista Contemporânea

José Marmeleira:

1) Como descreverias os efeitos mais imediatos (desta pandemia/covid-19) na cena artística portuguesa? Na actividade dos artistas, galeristas, curadores? Tomando-te a palavra, um dos efeitos mais evidente manifesta-se na programação. Exposições suspensa, adiadas, reformulação de calendários. Quais serão as medidas que o Atelier-Museu Júlio Pomar pode tomar, atendendo também aos constrangimentos que vive, à sua forçada imobilização?

Sara Antónia Matos:

Os efeitos na cena artística portuguesa são preocupantes e gravosos, desde logo porque além de imediatos se farão sentir durante um período longo, quebrando uma teia invisível que sustentava inúmeros profissionais, muitos deles free-lancers, sem “rede”.

O sistema artístico português, que nas últimas décadas se foi tornando cada vez mais profissional, demonstra ser frágil ainda: muitos artistas, galeristas e curadores, mas também investigadores, ensaístas, críticos de arte, produtores, editores, etc., vivem de pequenos trabalhos, proporcionados pelas instituições. Estas instituições, tal como o Atelier-Museu, num contexto de normalidade operativa, geram regularmente pequenas e médias encomendas, e criam sucessivamente condições de produção para o meio e para a existência de projectos cada vez com mais qualidade. Ora, ao terem de suspender, adiar, reformular calendários – com possível redução dos respectivos orçamentos – essa rede de colaborações pode ser prejudicada. Para combater a possibilidade de uma quebra nesta rede de trabalho, inevitavelmente dependente de uma dinâmica de programação que vai abrandar, o Atelier-Museu Júlio Pomar, por ser uma instituição com as características de uma estrutura-intermédia, vai procurar manter a atenção que sempre deu a pequenas e médias produções – artísticas, editoriais, de serviço educativo, a actividades e acções desenhadas para pequenos grupos e para pessoas singulares, repensando novos canais de relação e produção de conhecimento sobre o museu.

A missão deste museu é trabalhar o legado artístico e intelectual que Júlio Pomar nos deixou e o que podemos aprender sobre arte, a sociedade, a política, a história, a resistência, a luta, o

amor, entre outros domínios da vida. E essa missão vai continuar a partir do material que temos no museu e nas várias investigações que realizámos desde a sua abertura. Sublinho a importância do trabalho de conservação e comunicação desse legado, que passa por muitas outras coisas além do momento de exposição.

O museu é um espaço de preservação da história e do conhecimento produzido pela humanidade, e nestes momentos de abalo das certezas, re-olhar para essas histórias e esses saberes com outros olhos, e a partir de outras perspectivas, pode ser muito importante.

2) Quanto mais tempo esta situação se prologar, mais tempo as obras dos artistas ficarão privadas de aparecer...de se tornarem públicas. Certamente, que não consideras que o digital, em termos de apresentação, será uma solução. Portanto, vislumbras forma dos artistas e das instituições se reinventarem nestas condições?

Sara Antónia Matos:

Obviamente que o digital não pode ser a solução única. No entanto, vai ser uma ferramenta vital, mesmo para quem, como eu, sendo formada em Escultura, considero a presença e a experiência háptica, *in loco*, das obras e das exposições, indispensável e sobretudo insubstituível.

Neste sentido, penso que as instituições, juntamente com os artistas, vão ter de repensar e redesenhar as suas actividades. As instituições terão de desconstruir o objectivo final dos grandes números de visitantes – os grandes grupos e massas de pessoas que indiferenciadamente visitavam museus – e que condicionavam muitas vezes o sentido das programações, e reflectir sobre a importância de outro tipo de experiências no museu. No Atelier-Museu já estávamos a pensar em acções mais dirigidas a pequenos grupos de interesse. Claro que isto implica outras readaptações, que vão ter que acontecer ao nível político (das administrações e tutelas), ao nível orçamental, tecnológico, comunicacional, etc.

Para já, outra das coisas que vai mudar – sem qualquer margem para dúvidas – é o ritmo de produção – algo para o qual nos últimos tempos vários pensadores no campo das artes e da filosofia vinham já chamando à atenção. Era preciso desacelerar.

3) Suponhamos que a normalidade se reinstala em Junho e que a actividade recomeça. Imaginas uma nova realidade muito distinta daquela que conhecemos até Fevereiro? Um tempo antes e um tempo depois?

Sara Antónia Matos:

Imagino que sim, que será diferente.

Nas redes sociais, o discurso veiculado tem sido o da “suspensão”, o de um “intervalo”, como que a contar em decrescente para se recomeçar tudo de novo, numa velocidade e avidez desenfreada. Pessoalmente, acredito ser necessário encontrar outros modelos e paradigmas de actuação; reinventando e transformando os que existem, para não cairmos nos modelos anteriores. Essa reinvenção também cabe em parte às artes; sendo que as artes podem participar nessa reinvenção a partir daquilo que farão no seu próprio campo de actuação. Nesse aspecto também o artigo «O Medo» do filósofo José Gil no jornal Público é lapidar. Ficarmos paralisados com medo é contraproducente. É preciso encontrar formas de agir, diferentes das anteriores a muitos níveis e, segundo ele, este teste ou desafio que esta pandemia traz pode ser um aviso que nos poderá ajudar a preparar para outras ameaças à sobrevivência humana, entre outras coisas. Entre essas ameaças, estão as decorrentes das mudanças climáticas.